



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**AULAS DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: planejando,
intervindo e refletindo sobre as incertezas cotidianas.**

Camila Rissari Correia
Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física/ UFES
Bolsista PID/UFES

Erineusa Maria da Silva
Mestre em Educação – UFES
Docente – CEFD/UFES
Membro do grupo Práxis/UFES e GEPEF-FCSES

RESUMO

Trata de relato da experiência de intervenção no projeto CriaDança, sistematizado pela ATIF em Linguagens que, em parceria com a Criarte, no semestre 2012.1 atendeu alunos de 4 e 5 anos. As intervenções privilegiaram as danças populares brasileiras como conteúdo. Orientamo-nos pela perspectiva de que educamos para e pela dança, podendo ressignificá-la e, nesse processo, ressignificar também a formação dos docentes e acadêmicos envolvidos. Consideramos que a experiência de aproximação ao espaço de atuação ainda na Graduação se torna uma importante forma de estabelecer problematizações na relação teoria-prática como estimuladoras de uma ação cada vez mais consciente e menos intuitiva.

Palavras- chave: Educação Física; Dança Popular Brasileira; Educação Infantil;

Considerações Iniciais

A formação profissional em docência se torna mais significativa se embasada num processo constante de reflexão sobre a formação, e principalmente, sobre a própria ação docente. Espera-se que nesse processo o profissional em formação se aproxime do exercício de criticidade e que, por meio da sua ação futura, esteja comprometido com a transformação própria e do mundo.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

No currículo do curso de Licenciatura em Educação Física do CEFD¹, esse tempo/espaço para o exercício reflexivo pela aproximação a escola pode ser mediado pelas disciplinas vinculadas ao eixo curricular práticas como componentes curriculares, o qual tem como uma das disciplinas, as atividades interativas de formação (ATIF). Estas proporcionam vivências docentes em meio à formação inicial e, a partir do momento que tais vivências produzem boas experiências, pelas constantes reflexões, fornecem conhecimentos que subsidiarão, futuramente, o trabalho docente.

Neste sentido, o saber docente é entendido como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais (TARDIF, 2011). Para o autor, os saberes dos professores provêm de diversas fontes. Em seu ofício, o mesmo utiliza-se da sua cultura pessoal, que é construída a partir da sua história de vida e de sua cultura escolar anterior, apoia-se em certos conhecimentos da sua formação inicial na Universidade; apóia-se também em conhecimentos veiculados nos guias manuais escolares, além de se basear no seu saber construído a partir da sua experiência de trabalho ou do trabalho de outros professores. Assim, as ATIF's são exemplos dessas fontes que proporcionam experiências formativas aos seus participantes, através de vivências refletidas, construindo conseqüentemente, possíveis saberes docentes.

A valorização da experiência e da reflexão na experiência tem sido defendida² como um momento de construção de conhecimento, por meio da reflexão, análise e problematização desta. A relação teoria-prática tão imbricada neste processo, funciona como um diálogo do conhecimento pessoal com a ação. Os saberes teóricos propositivos se articulam aos saberes da prática, sendo que esta articulação, ao mesmo tempo, possibilita que tais saberes se resignifiquem e que sejam resignificados (PIMENTA, 2002).

A aproximação do espaço de atuação ainda na Graduação se torna uma importante forma de estabelecer problematizações na relação teoria-prática como estimuladoras de uma ação cada vez mais consciente e menos intuitiva. E, por conseguinte, a constituição da identidade de um professor comprometido com a educação e com a escola. Essa aproximação reforça sua formação na medida, em que o coloca em posição e situação de refletir e repensar a relação teoria-prática na atuação do professor de Educação Física.

Pensando em oportunizar ao acadêmico do CEFD essa experiência e também preocupados em possibilitar experiências com Dança às crianças atendidas pela Criarte³, a ATIF em Linguagens II: Danças sociais de salão e Danças populares brasileiras, propôs o projeto CriaDança em parceria com aquela instituição.

¹ Centro de Educação Física e desportos da UFES

² Autores como Schon, Zeichner, Pimenta propõe uma formação profissional baseada na epistemologia da prática.

³ Centro de educação Infantil/UFES.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

No entendimento que a reflexão crítica também se constitui pelo exercício da escrita, propusemo-nos a relatar e analisar a experiência nesse projeto e a reflexão sobre a prática ali exercida. Fazer esse exercício de reflexão é de suma importância, em especial, para alunos em formação, pois contribui para sedimentar a identidade docente e construir efetivamente um professor que incorpora e rever suas ações e analisá-las frente ao mundo da vida.

A Dança, como conteúdo das aulas da Educação Infantil da Criarte, tornou-se interessante pela aproximação entre esta e o CEFD, o que facilitou na operacionalização do projeto, mas fundamentalmente pelo interesse em lidar com a Dança, a dança popular brasileira e seus elementos educativos para esse momento tão rico da educação que é a educação infantil. A dança se apresenta como um conteúdo quase nunca trabalhado com os demais níveis e modalidades de ensino, restringindo-se a ser tratada em momentos festivos e comemorativos da escola (BRASILEIRO, 2003). Em se tratando da educação infantil, trabalha-se a expressão corporal, no entanto, a Dança também fica remetida aos eventos comemorativos da escola.

A dança em si acaba perdendo seu referencial, tendo em vista que os professores de educação física não propõem este conteúdo em seus planejamentos, alegando além da falta de domínio do conteúdo, também a ausência de estrutura adequada e ainda a pouca aceitação do conteúdo pelos alunos, em especial, os do sexo masculino (BRASILEIRO, 2003). Esses fatores enraizados no fazer docente do professor de Educação Física provocam uma grande dificuldade de aceitação por parte dos alunos dos anos posteriores a educação infantil, por falta de vivência com dança desde a infância.

Nesse sentido, o trabalho com as danças populares na Criarte se apresentou com grandes possibilidades de aprendizagens, tanto para as crianças como para os acadêmicos que participaram desse projeto. De forma que nesse relato de experiência vamos focar nossas reflexões nos processos teórico-metodológicos adotados, buscando apresentar como foram realizadas as intervenções e algumas considerações parciais sobre as reflexões dessas experiências. Antes, porém, abordaremos a respeito dos eixos que escolhemos como orientadores do projeto.

O que orientou nossas intervenções

Elegemos quatro eixos que, articulados pela mediação pedagógica, orientaram nossas ações. O primeiro eixo trata da educação para dança, e busca ser uma educação em dança, ou seja, dos *referenciais que produzem essa linguagem*, trabalhar com elementos da dança como o ritmo, música, movimento e seus fatores (SOUZA, 2002, p.9). Os objetivos específicos deste eixo foram: a) experimentar diferentes ritmos de cada região do Brasil sendo capaz de articular o ritmo da música e as formas de dançar com a sua respectiva região; b) conhecer as danças que constituem as regiões Sudeste, Nordeste,



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Norte, Sul e Centro-Oeste do Brasil e suas características culturais; c) Conhecer a diversidade de ritmos da cultura da dança popular brasileira, valorizando a história do nosso povo;

Já o segundo eixo é a educação pela dança, que se resume na compreensão de que por meio da dança é possível *desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica* (SOUZA, 2011, p.9); não num movimento de instrumentalização/uso da dança, mas de compreensão de que o dançar, de que conhecer essa manifestação pode nos provocar: novas perspectivas estéticas, éticas, valores e comportamentos. Os objetivos específicos deste eixo foram: a) desenvolver atividades em grupos, sendo capaz de respeitar o “se movimentar” do outro bem como suas opiniões; b) emitir suas opiniões a respeito do que está sendo produzido pelo grupo.

Como terceiro eixo é o Protagonismo. Nesse eixo partimos do entendimento de que nosso potencial criativo para o movimento não pode ser totalmente livre e espontâneo, pois é influenciado pelas experiências, relações sociais, processos de ensino-aprendizado por que passamos no decorrer de nossas vidas. É preciso romper a visão de que as crianças são seres incompletos e incapazes, colocando-as como sujeitos sociais nos seus mundos de vida, e a infância como categoria geracional, socialmente construída (MELLO apud SARMENTO, 2008, p.22). Torna-se fundamental que o aluno seja apresentado a novas possibilidades de mobilização dos elementos da dança e que também crie seus movimentos, mas compreendendo e dominando os códigos da linguagem da dança. São objetivos específicos deste eixo: a) fazer escolhas no âmbito particular e articular essas escolhas ao coletivo; b) expressar-se de maneira criativa e criadora nos momentos de aula;

Finalmente, o quarto eixo é a Ludicidade. A ludicidade é vista como aliada no processo de ensino-aprendizagem do aluno, na medida em que pode proporcionar diversão e prazer na recepção da ação pedagógica. O lúdico na educação infantil pode ser trabalhado em todas as atividades, pois é uma maneira de aprender/ensinar, despertar o prazer e, dessa forma a aprendizagem se concretiza. As crianças experimentam desejos impossíveis de serem realizados imediatamente, para resolver essa questão, a mesma se envolve num mundo imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados. Do ponto de vista do desenvolvimento da criança, a ludicidade traz vantagens sociais, cognitivas e afetivas, ajudando-as no seu desenvolvimento em relação à sociedade (QUEIROZ apud JUNIOR, 2010). A ludicidade uma vez presente em atividades na educação infantil, possibilita um maior envolvimento e motivação por parte dos alunos, pois o brincar está intimamente ligado à criança e seu desenvolvimento.

Caminhos percorridos no processo



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

A ATIF, com dois encontros de duas horas por semana, adotou a seguinte organização no semestre: na terça-feira, havia o momento dispensado a planejar, refletir, discutir textos e replanejar as intervenções. E na quinta eram feitas as intervenções com crianças de 4 e 5 anos na CRIARTE. Os alunos responsáveis pelas intervenções nas quintas se revezavam entre as tarefas de planejar, ministrar, relatar e filmar as aulas segundo um cronograma mensal previamente discutido nas aulas de planejamento das terças feiras.

Antes de iniciarmos as atividades na Criarte, realizamos junto com os participantes da ATIF, quatro reuniões preparatórias para a construção da temática daquele semestre, “Circulando pelas danças populares brasileiras”; fizemos uma observação na Criarte para maior aproximação a instituição, aos alunos e ao corpo docente. Ainda nessas reuniões, planejamos todo conteúdo a ser trabalho até o final do semestre e combinamos a realização de planejamentos semanais. Havia também uma articulação com a coordenação pedagógica da Criarte, com a qual fazíamos reuniões durante o semestre para definir caminhos e redefinir ações.

A experiência foi registrada por meio de videogravação das sessões, fotografias e relatórios das intervenções. Os dados foram analisados por categorização de elementos que se apresentaram como recorrentes nas aulas e falas dos participantes.

A intervenção por dentro: materializando nossa intencionalidade

A nossa proposta para o ensino da dança, faz-se presente por um trabalho baseado no contexto dos alunos, com o objetivo de transformação, de problematização e de desconstrução. No entanto, a escolha dos contextos da dança não se basearam somente na motivação e no interesse dos mesmos, mas também nos múltiplos significados e significações que esse contexto traz consigo para os alunos e para a sociedade. Assim é que, em reunião com a coordenação pedagógica da Criarte, definimos tratar das danças populares brasileiras, ou seja, textos com repertório⁴ popular, já que no semestre anterior havíamos focado nossas ações para o conhecimento do que denominamos os sub-textos⁵ da dança. Nosso objetivo também se orientou pela importância de ampliarmos o capital cultural das mesmas, a partir da cultura local e nacional. A partir daí iniciamos nossas intervenções.

⁴ Repertórios são todas as manifestações de dança criadas pela humanidade: danças clássicas, modernas e contemporâneas, danças étnico-religiosas, folclóricas e populares, cênicas dentre outras classificações.

⁵ Os subtextos da dança, ou seus aspectos coreológicos, segundo Preston-Dunlop (1992), possibilitam-nos a perceber, experimentar e entender em nossos corpos o quê, onde, como e com quem/o quê o movimento acontece. A relação inicial desses subtextos com os contextos nos esclarece quais são os textos mais apropriados a serem trabalhados com os alunos. O trabalho com os textos de dança não necessita do uso da razão: conhecemos experimentando, isto é, fazendo dança. É essencialmente a escolha dos textos que, articulada aos elementos descritos, garantem a presença da dança no processo educativo, na qual esses trabalhos com os textos possibilitam uma prática e compreensão da dança em si.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Como nossa preocupação era que esse repertório não sobrepujasse a capacidade criativa das crianças, assim atribuímos à criança, protagonismo, concebendo-as produtoras de seus conhecimentos e de cultura infantil, com potencialidade para um exercício de sua autonomia, isto é, a criança como constructo social.

Perseguindo nossa intencionalidade, iniciamos as aulas no dia 22 de março de 2012, com uma das manifestações culturais de dança da região nordeste - o Frevo. Na primeira aula trabalhamos respeitando o princípio metodológico da historicidade (SOARES, 2008) mostrando como o frevo surge a partir da relação dos capoeiras⁶ com as bandas marciais do início do século XX, especialmente a dos clubes Vassorinhas e Lenhadores do Recife. Os capoeiras que eram perseguidos pela polícia naquela época, como forma de ocultar a sua prática corporal, acompanhavam as bandas de carnaval, modificando seus golpes e acompanhando a música, originando mais tarde os “passos” da dança do frevo.

Com cada forma de dança era realizadas pelo menos duas intervenções. Trabalhamos o frevo por três aulas consecutivas, devido à complexidade dos seus movimentos e também ao estímulo expressado pelas crianças. Tanto professoras como mães de alunos deram retorno positivo a respeito das intervenções. As crianças nos pediam para levar as sombrinhas (chapéu de sol) para casa para mostrar os passos aprendidos a seus familiares. Os alunos/as sabiam realizar os passos e também nomeá-los nas pequenas apresentações que fizeram deliberadamente aos professores e familiares.

O frevo conta com passos bem característicos e diversificados. Neste sentido, para uma melhor compreensão por parte dos alunos, buscamos desenvolver a dança de forma lúdica, criando inclusive, brincadeiras dançantes. Havia uma preocupação de que nessas brincadeiras a Dança se apresentasse como principal objetivo de aprendizagem. Então, desenvolvemos com as crianças brincadeiras e jogos, mas sempre evidenciando os passos e ritmo do frevo, como o ferrolho, engana povo, parafuso, tesoura, cambaleante e dentre outros. Podemos exemplificar com a brincadeira do “Salvo pelo Movimento”, que ocorria da seguinte maneira: foi combinado com os alunos um passo do frevo, o ferrolho, após isso, um aluno foi escolhido como o pegador, ele não poderia boiar o colega que estivesse fazendo o movimento combinado anteriormente; aquele que não estiver realizando o passo, poderia ser “boiado”.

Neste sentido, a criança aprende brincando, isto é, o ensino e a aprendizagem dos movimentos do frevo, ou qualquer outra dança, se tornam prazerosos para a mesma, pois o lúdico estava presente por meio dos jogos e das brincadeiras, ocupando o lugar de atividades monótonas que apenas frisam a repetição dos movimentos. Segundo Vygotsky (1991), a essência da brincadeira é a possibilidade que a criança tem de evidenciar maneiras simbólicas as motivações, os planos, as intenções, criando uma nova relação entre situações reais, preenchendo suas próprias necessidades. Além disso, a brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e colabora para o processo de apropriação de signos sociais, além de permitir a construção de novas possibilidades de ação e formas originais de arranjar os elementos do ambiente (OLIVEIRA, 2002). Por

⁶ Aqui entendidos como os praticantes da arte, luta e dança capoeira.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

sua vez, o jogo se constitui como uma das estratégias metodológicas para romper a visão adultocêntrica que prevalece no ambiente escolar, e como um espaço-tempo que potencialize as produções culturais das crianças nas relações sociais que estabelecem entre si mesmas e com os adultos. Buscamos sempre trabalhar com as crianças atividades que envolvessem o lúdico, brincadeiras que despertassem a imaginação, com o intuito de que as mesmas pudessem criar e recriar, destacando o seu protagonismo, pois segundo Vygotsky (1991), a promoção de atividades que favoreçam o envolvimento da criança em brincadeiras, principalmente aquelas que suscitam a criação de situações imaginárias, tem nítida função pedagógica.

O jogo e a brincadeira articulados ao ensino da dança se constituem como recursos para compreendermos as maneiras peculiares de ser e agir da criança no mundo. A dança frevo e as demais danças que foram trabalhadas, nas quais eram valorizadas as formas espontâneas que o jogo e a brincadeira proporcionavam e, o seu protagonismo, as colocam como sujeitos no processo de ensino-aprendizagem.

Destacamos a importância em se respeitar o tempo da criança durante as aulas. Durante as intervenções buscamos não insistir com uma determinada estratégia, na qual percebemos o seu esgotamento em relação à atenção/motivação dos alunos. Se uma mesma estratégia é persistida pelo professor por toda aula ou por um longo período, observamos a dispersão dos discentes e a sua conseqüente desmotivação na realização da atividade. Buscamos então, sempre estar repensando as estratégias de nossas aulas, procuramos trabalhar com novas atividades, com mais de duas estratégias (jogos e brincadeiras) e materiais diversos por aula, com o intuito de manter os alunos sempre motivados e atentos aos conteúdos trabalhados.

Para representar a região Sudeste do Brasil, utilizamos o samba, e como a técnica do sambar para a faixa etária de 4 e 5 anos é difícil de ser apreendida, iniciamos uma aproximação desse ato por meio de imagens. Assim, apresentamos simultaneamente ao conhecimento histórico do samba, imagens vinculadas ao samba e ao sambar. Trabalhamos um vídeo do Zé Carioca⁷. Muitas crianças não tinham conhecimento sobre esse desenho animado, o Zé Carioca é um papagaio, que em muitas produções da Disney, expõe o samba, o Rio de Janeiro e suas manifestações culturais.

Observamos ao trabalhar o samba, a dificuldade dos alunos com relação ao aprender os passos do mesmo. Isso pode ser explicado porque no decorrer do processo de desenvolvimento alguns já conseguem realizar movimentos que outros ainda não; como a base do samba envolve movimentos combinados das duas pernas, é uma diversificação de habilidade, ou seja, pudemos observar que muitos alunos “sambavam”

⁷ Apesar das críticas à figura do Zé Carioca como uma caricatura preguiçosa impingida ao brasileiro, optamos por trabalhar com esse desenho, pois foi o vídeo infantil que tratava de samba de forma lúdica que o grupo encontrou. Por outro lado, tivemos o cuidado de fazer cortes no mesmo nas situações que mostrava a boemia como algo que pudesse ser vinculado ao brasileiro de forma generalizada;



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

utilizando as duas pernas ao mesmo tempo, dando a impressão que “enceravam” o chão e outras, já iniciaram o processo de diversificação dessa habilidade, isto é, já sambavam utilizando uma perna de cada vez, como que dando pulinhos.

A esse respeito Vygotsky (apud DAVIS, OLIVEIRA, 2008, p.54), nos alerta que o processo de desenvolvimento nada mais é do que a apropriação ativa do conhecimento disponível na sociedade. A aprendizagem sempre abrange as relações entre pessoas. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa. O desenvolvimento é pensado como um processo, onde está presente a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem. Portanto, o desenvolvimento é um processo que se materializa de dentro para fora, na qual é possível dizer que entre o desenvolvimento e as possibilidades de aprendizagem há uma estreita relação.

Percebendo o processo de desenvolvimento do grupo, para tratar dos movimentos do samba, trabalhamos com os alunos uma brincadeira na qual usamos folhas de jornais. Cada aluno recebeu do professor uma folha, e a brincadeira seria cada um “encerar” o chão com os pés usando a folha de jornal, e no movimento de “encerar” o chão ora com um pé, ora com outro, eles reproduziram movimentos semelhantes ao ato de sambar, reconhecendo assim os passos da dança. Em uma das turmas atendidas, a brincadeira descrita não foi muito bem sucedida, não pela falta de entendimento por parte dos alunos, mas sim pela falha de comunicação do monitor que estava ministrando a aula. O monitor, que era participante da ATIF, se sentiu triste, pois sua aula segundo ele, não tinha dado “certo”, ou seja, não aconteceu como ele havia planejado. Neste sentido, nas reflexões sobre a aula declaramos que não existe aula que deu certo e aula que deu errado, e sim aulas que tomam outras dimensões do planejado e que merecem ser refletidas antes de imprimir uma nova ação. E aulas que falam das incertezas cotidianas do fazer docente (SACRISTÁN, 1998).

A região Sul do Brasil foi representada pela dança italiana, devido à grande imigração italiana no Sul do país na segunda metade do século XIX. Ao perguntar aos alunos se eles conheciam a dança italiana, muitas souberam responder que sim e até se arriscaram em dançá-la. Em uma das aulas, os participantes da ATIF criaram uma brincadeira para ser desenvolvida com o grupo 4 e 5, que se chamava “Dança Explosiva”, cada aluno recebeu um balão com um papel dentro do mesmo, e nesse papel tem escrito o nome do passo a ser apresentado. Os balões eram de cor vermelha, verde e branco, cores estas da bandeira italiana. Os alunos brincaram e vivenciaram com os balões fazendo embaixadinha, dançando em dupla e movimentos que os mesmos criaram na hora. Os passos trabalhados são: solar o chão, roda pizza e tarantela. Foi dividida a turma em três grupos, e cada grupo estourou o balão recebido para descobrir qual passo iriam dançar. Os alunos foram orientados por um monitor em cada grupo. Os monitores auxiliaram os alunos com a preparação da apresentação da dança. No final, cada grupo apresentou os



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

passos para toda a turma. Foi um momento muito interessante de criação por parte do grupo.

Os alunos gostaram muito da brincadeira criada pelos monitores da ATIF, pois envolveu bolas de soprar, material muito apreciado pelas crianças, e pelo fato também de serem protagonistas no momento da apresentação de cada grupo no final da aula. Essa construção feita pelos graduandos, apenas confirma a concretização de um dos objetivos do projeto CriaDança, que é a de intensificar as ações de formação junto aos acadêmicos do curso de Educação Física da UFES, ou seja, essas construções só vem a somar a formação desses graduandos, propiciando-os experiências e saberes necessários para sua formação profissional. Os saberes que servem de base para o ensino, abrangem uma grande diversidade de objetos, de questões, de problemas que estão todos relacionados com seu trabalho (TARDIF, 2011). Os problemas e necessidades que vão surgindo no decorrer da ação docente e suas possíveis soluções fazem parte dos saberes de um professor, e é no momento que pára para refletir e busca soluções para sua ação, que cresce como docente e como ser social.

A região Norte do Brasil foi representada pela famosa festa realizada na cidade de Parintins no estado do Amazonas, o Festival de Parintins, na qual apresenta dois rivais que disputam entre si, o boi caprichoso e o boi garantido. Para tratar desse assunto com os alunos, buscamos primeiramente apresentar o festival, a música, os movimentos da dança, por meio de vídeos. Para trabalhar com os movimentos da dança, fizemos uso de uma brincadeira indígena chamada Toloí Kunhugu com algumas variações feitas pelos participantes da ATIF. A brincadeira se resume no desenho de uma árvore no chão com ninhos em seus galhos. Alguns alunos foram os gaviões (pegadores) e os outros os passarinhos, arraras e tucanos. Os gaviões se posicionaram no tronco da árvore e os outros nos ninhos. Ao som da Toada (ritmo característico do festival), todos dançaram neste ritmo. Quando a música parou, as aves (alunos) que estiveram no ninho trocaram de lugar, e aquele passarinho que sobrou, o gavião pegou, invertendo de papéis.

Ao invés de desenhar a árvore no chão, como descrito na brincadeira original, fizemos o tronco e as folhas da árvore usando o material EVA e colamos no chão. No mesmo dia mostramos para as crianças um boi bumbá confeccionado pelos alunos da UFES, em seu tamanho original. Um dos participantes da ATIF vestiu a fantasia do boi e começou a brincar com os alunos, que foram encaminhados para uma área externa da Criarte. Apesar do cuidado prévio em mostrarmos que o boi era feito de papelão, e de termos vestido o boi na frente das crianças, alguns sentiram medo, pois pensaram que fosse de verdade. Quando isso ocorria tirávamos o boi e aproximávamos das crianças incentivando-as para que vestissem a fantasia e brincassem com seus colegas. No final, todos queriam passar a mão no boi e vestir a fantasia.

Por fim, a dança que representou a região Centro-Oeste foi a quadrilha. Sabemos que a quadrilha é uma dança bastante comum hoje nas escolas, porém decidimos trabalhar com uma dança que os alunos já conheciam, e isto facilitaria a recepção dos mesmos e o seu envolvimento no momento de discussão e apresentação da dança. Na aula pedimos que os alunos nos contassem sobre a quadrilha, quais comidas típicas geralmente



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

comem, como eram os enfeites, como eles dançavam, em fim, deixamos esta aula por conta dos próprios alunos, eles iriam contar suas experiências com a dança.

As crianças faziam questão de contar a todos as experiências que tiveram e, no momento da dança em si, foi muito interessante, juntamos os grupos 4 e 5 e fizemos uma grande roda, e todos interagiram entre si, respeitaram o tempo e as limitações do outro, dançaram “conforme o ritmo” de cada um. Diante disso, notamos o aprendizado do grupo 5, em relação a temática trabalhada no ano anterior, que foi o de dançar junto, respeitando o tempo e o ritmo do outro, por meio das atividades dançantes.

O projeto foi encerrado no momento em que a Criarte decidiu aderir ao movimento grevista, sendo que a avaliação junto a coordenação pedagógica e professores das turmas que participaram do projeto será realizada após encerramento do movimento.

Considerações parciais

Apesar de estarmos em processo de materialização do projeto podemos afirmar que nossos objetivos tanto os propostos pela ATIF, quanto os indicados pelo CriaDança estão sendo cotidianamente construído, vividos e refletidos. Em especial o que tem nos motivado são as reflexões que o projeto nos remete fazer. Na verdade o mais importante nesse processo, não são as máximas “deu certo” ou “deu errado”, mas o repensar incessante sobre nossas ações, e a busca por superação das questões que podemos aprofundar e melhorar.

Por fim, ressaltamos que os objetivos específicos do projeto aos poucos vão se delineando em conformidade, ora com o que planejamos e ora com o que houve necessidade de ser replanejado. Podemos afirmar que os alunos durante esse tempo de efetivação do projeto experimentaram diferentes ritmos, sendo capazes de articular o ritmo da música às formas de dança; desenvolveram atividades em grupos, sendo capaz de respeitar o se movimentar do outro, com pouca ocorrência de desrespeito; emitiram opiniões a respeito do que está sendo produzido pelo grupo; e se expressaram de maneira criativa e criadora nos momentos de aula.

Referências bibliográficas

BRASILEIRO, *Livia Tenório Brasileiro*. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? *Pensar a Prática*. 6: 45-58, jul./jun. 2002-2003.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, R. M. Zilma. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

JÚNIOR, P. L. Ricardo ET al. **A importância da ludicidade na Educação Infantil para o desenvolvimento de habilidade das habilidades motoras**. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd145/a-importancia-da-ludicidade-na-educacao-infantil.htm>. Acesso em: 27 Jun.2012.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

MARQUES, Isabel. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MELLO, André da Silva; DAMASCENO, G. L. **Conhecimento e Metodologia do Ensino do Jogo**. Vitória, 2011.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, p. 17- 52, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Comprender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Maria Inês Galvão. **Arte, Cultura e Sociedade: Uma rede intrigante para algumas reflexões sobre a Dança**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/33920290/38-Arte-Cultura-e-Sociedade-Uma-rede-intrigante-para-algumas-reflexoes-sobre-a-Danca>. Acesso em: 21 de Jun.2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Ed.12, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.